

Folkcomunicação, ano 50: Brasileirismo Beltraniano pede passagem aos *gatekeepers* na Aldeia de McLuhan

José Marques de Melo¹

RESUMO

Panorama retrospectivo do saber folkcomunicacional acumulado durante 50 anos. Marcos gnosiológicos: o artigo de Luiz Beltrão sobre o ex-voto como veículo jornalístico (1965) e o fórum mundial de Pinheiros (2015). As tendências da pesquisa nessa área atestam a maturidade da disciplina, sugerindo que a Folkcomunicação ultrapassou a condição de *Brasileirismo acadêmico* para se integrar ao acervo mundial das Ciências da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVES

Ciências da comunicação. Folkcomunicação. História. Genealogia. Brasil.

ABSTRACT

Up-to-date survey of scholarship knowledge produced in the field of Folk Communication in the last 50 years. Academic landmarks: 1965 Luiz Beltrão article on the news function of *ex-voto* (handcraft objects showing parts of the human body meaning that they were cured by the action of religious agents) and the 2015 world forum on Folk Communication. Research findings on this subject confirm Discipline Maturity. This means that Folk Communication surpassed the condition of Scholarship Brazilianism in order to be integrated to the field of Communication Sciences.

KEY-WORDS

Communication Sciences. Folk Communication. History. Genealogy Brazil

¹Docente-fundador da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1966), onde conquistou os títulos de Doutor (1973), Livre-Docente (1983) e Catedrático (1987), culminou sua carreira como Diretor da instituição (1989-1993), sendo homenageado como Professor- Emérito (2003). Desde sua aposentadoria no serviço público estadual, encontra-se vinculado à Universidade Metodista de São Paulo, onde exerce o cargo de Diretor-Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação (1993-2015). Vencedor do Premio Jabuti 2014 - outorgado pela Câmara Brasileira do Livro à obra *História do Jornalismo* publicou mais de uma centena de livros e coletâneas. Obras recentes: Teoria e Metodologia da Comunicação (Paulus, 2014), Pragmatismo utópico (Metodista, 2014), Pensamento Comunicacional Uspiano: Raízes e Matrizes (ECA, 2015).

Maturidade da Folkcomunicação

Institucionalizando-se como disciplina acadêmica, a comunidade científica da Folkcomunicação fez um balanço de meio século de pesquisa na área.

Tal evento faz parte do programa trienal organizado pela Rede Folkcom para comemorar a efeméride. O primeiro foi realizado em Portugal, em 2014 ,o segundo em São Paulo (2015) e o próximo está agendado para 2016, na cidade de Valdivia (Chile), tendo como anfitrião o Prof. Dr. Christian Aguilar (Universidade Austral).

Essa ampliação do universo folkcomunicacional vem ocorrendo virtualmente, desde que a Universidade Estadual de Ponta Grossa abrigou a *Revista Internacional de Folkcomunicação*. Foi justamente a qualidade editorial desse periódico mantido sob a direção de Karina Woitovicz que induziu a Fundação Araucária a financiar sua circulação na web.

O paradigma folkcomunicacional foi desdenhado por intelectuais apocalípticos que teciam loas à modernidade programada para o terceiro mundo no processo de globalização. Afirmavam que esse campo de estudos tinha seus dias contados. Tais previsões não se confirmaram. Ao contrário, o subdesenvolvimento tornou-se mais cruel, acentuando a exclusão cognitiva.

Duvidando daquelas expectativas pessimistas, fiz em 2005 uma observação folkcomunicacional, notando tendência expansionista gerada pela internet nesse campo de estudos. Voltei a mensurar tais indicadores em 2015, ficando impressionado com a progressão quantificada no decênio.

O **campo** folkcomunicacional teve um crescimento expressivo, da ordem de 2,5/ano, saltando de 1.118 referências (2005) para 28.300 (2015), o que elevou seis vezes o patamar ocupado pela **disciplina** no espaço universitário, contemplada com 823 referências em 2005, que foram elásticas para 4.820 em 2015.

Mas, sem sombra de dúvida, o maior beneficiário desse expansionismo folkcomunicacional nas redes de informação digitalizada foi o criador da disciplina – Luiz Beltrão. Sua projeção mundial denota grandeza vertiginosa, da ordem de 1.745 vezes neste decênio. Em 2005 ele obteve 295 referências na internet, cifra que em 2015 alcançou o patamar de 515.000 referências, conotando verdadeira **consagração** acadêmica.

Comparado aos parceiros da sua geração, Luiz Beltrão ocupa espaço maior que aquele ocupado por Decio Pignatari, Carlos Rizzini e Danton Jobim.

Trata-se de reconhecimento que transborda o espaço folkcomunicacional, uma vez que o pioneirismo de Luiz Beltrão tem vigência notável em outras disciplinas – jornalismo, literatura, pedagogia e teoria da comunicação – circunstância que explica sua crescente projeção no espaço digital, sendo o hoje o intelectual brasileiro mais referenciado na internet, no âmbito das ciências da comunicação.

História comparada

Recife, março de 1965

Fundado em dezembro de 1963, o pioneiro Instituto de Ciências da Informação – ICINFORM - esbarra nos fatos motrizes do golpe militar de 1964, enfrentando uma atribulada conjuntura intelectual. (Marques de Melo & Gobbi, 1999)

Mas o obstinado Luiz Beltrão não se deixa abater pela crise institucional (Marques de Melo, 2012), desencadeando três acontecimentos simultâneos na alvorada de 1965 no campus da Universidade Católica de Pernambuco: realiza o I Curso Nacional de Ciências da Informação e lança a revista *Comunicações & Problemas*, onde publicou seu paradigmático artigo “O ex-voto como veículo jornalístico”. (Marques de Melo & Gurgel, 2014).

A institucionalização da disciplina de Folkcomunicação faria História no âmbito das ciências da comunicação, gerando uma efeméride nacional.

São Paulo, março de 2015

Decorridos 50 anos da gênese acadêmica da Folkcomunicação, torna-se evidente a demanda pela formação de uma comunidade acadêmica internacional nessa área cognitiva. Os sinais que confirmam essa tendência vinham sendo captados e avaliados desde o lançamento da *Revista Internacional de Folkcomunicação* e da criação de GTs de Folkcomunicação nas entidades que congregam cientistas da comunicação na América Latina, no espaço galego-português e ultimamente no âmbito ibero-americano (Castro & Marques de Melo, 2010, 2011,2012).

A adesão de uma centena de participantes ao *Fórum de São Paulo* confirmou essa aspiração cognitiva, já conotada em *Maia* (Portugal, 2014), avançando significativamente a equação das demandas, embora persistam questões que justificam o próximo *Fórum*, no Chile.

Valdivia, 2016

A meta ambiciosa do Fórum Valdivia 2016 é dar resposta a perguntas dessa natureza: *Como se configurou a disciplina? Em que consiste o seu objeto? O que se pesquisa na área? Com que métodos? Por que o conhecimento acumulado vem se transformando em programas de ensino? Quando começou a articulação da comunidade acadêmica? Para onde vai o campo de estudos? O que resulta da intermediação entre erudito, massivo e popular? Quem tem paixão ou medo da folkcomunicação? Quem patrulha o ativismo folkcomunicacional? Quem legitima a mestiçagem cultural? Quem fortalece a popularização do saber? Quem enaltece o hibridismo digital? Onde? Quando? Como? Por que?*

Metamorfose conceitual

Não obstante preserve sua condição de processo sócio-cultural, situado na fronteira da Comunicação com o Folclore, a Folkcomunicação tem sintonizado sua conceituação no tempo e no espaço, refletindo naturalmente as tensões inerentes a esse tipo de relação cognitiva.

Inicialmente, Luiz Beltrão focaliza de modo exclusivo o **objeto** da sua pesquisa. No texto seminal (1965), ele pontua:

“Não é somente pelos meios ortodoxos (...) que em países como o nosso, de elevado índice de (...) incultos (...) a massa se comunica e a opinião pública se manifesta”. (Beltrão, 1965, p. 43)

Na tese de doutorado, o criador da Folkcomunicação amplia o foco investigativo para delinear o território a ser observado, estabelecendo os contornos da **metodologia** diferenciada, capaz de configurar uma **taxonomia** apropriada à compreensão dos fatos observados:

“A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular, registrada na coleta dos dados (...) inspirou a nomenclatura desse tipo *cismático* de transmissão de notícias...” (Beltrão, 2001, p. 73)

Mais tarde, Luiz Beltrão ampliou seu universo investigativo, delineando um **campo de estudos** que fica explícito na tese de doutoramento que defendeu em 1967, mas que enfrentou dificuldades para sua publicação (1970), somente circulando a versão integral na passagem do século (2001). Nesse ínterim, ele amplia consideravelmente o escopo da disciplina para abrigar o fenômeno da exclusão social e marginalidade étnico-ideológica (1980), abrindo caminhos para as inovações que serão introduzidas, depois de sua morte (1986) pela legião de discípulos que consolidam a Folkcomunicação no âmbito das ciências da comunicação.

No contexto da metamorfose conceitual que caracterizou o campo, torna-se impensável deixar de lado ou postergar as inevitáveis disputas genealógicas. Elas já se encontram parcialmente formuladas por Luiz Beltrão que encoraja a revisão das missões culturais originadas em São Paulo ou das missões européias que partiram de São Paulo para áreas semi-povoadas do Norte e do Centro Oeste.

Precursores nacionais

A síndrome do pioneiro que tanto marcou a personalidade de Gilberto Freyre, incentivando-o a reivindicar o reconhecimento explícito de tais façanhas (Dalmonte, 2009; Chacon, 1993), foi estimulada por Luiz Beltrão, quando o convidou para proferir uma das conferências magistrais do I Curso Nacional de Ciências da Informação.

E o “solitário de Apipucos” não se fez de rogado: explicitou demanda autoral, situando astuciosamente a Folkcomunicação como caudatária da *Anunciologia*, disciplina ou campo cognitivo que ele esboçara no ensaio *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (1963).

Essa precedência cognitiva que ele registrou claramente no preâmbulo da 4ª. edição, revista, do referido livro (São Paulo, Global, 2010, p. 21-23), cujo título - “Anunciologia: um brasileiro” - foi engendrado em estilo familiar ao cartorialismo das marcas e patentes típico do Hemisfério Sul.

Para não deixar dúvidas sobre a paternidade desse Brasileirismo cognitivo, divulgado em conferência proferida no Rio de Janeiro, em 1934, Gilberto Freyre lamenta o “pouco interesse da parte do público”, compensado pela presença, no auditório, de “especialistas” como Roquete Pinto, capazes de reconhecer sua “contribuição original e pioneira para as ciências do homem”.

Tal ousadia metodológica justificou o registro orgulhoso de vários outros intelectuais brasileiros sempre reconhecidos por seus pares europeus, como foi o caso de Danton Jobim, autor de obra “demonstrativa” da “contemporaneidade” do nosso jornalismo, que enalteceu o “método brasileiro” de análise dos anúncios impressos” (Jobim, Paris, 1957)

Radicais forâneos

Em contrapartida, outros intelectuais assustados com os fantasmas da mítica “rebelião das massas”, argumentam que, manietada cognitivamente, a cidadania pós-colonial pode ensejar a ressurreição da “barbárie cultural”. Esses arautos do ‘apocalipse’ pós-gobarcheviano anda acreditam que as “multidões solitárias” (Riesman), catalizando “frustrações crescentes” (Lerner), podem detonar o poder hegemônico e desestabilizar a nova/velha ordem mundial.

Fazendo eco à liturgia da *radical media* (Downing) persistem as correntes que nutrem a vigilância periférica aos movimentos contra-hegemônicos capazes de provocar “curtos circuitos” (Cardoso) potencialmente alimentadores de “insurreições” episódicas ou até mesmo “revoluções” duradouras.

O perfil “marginal” dessas sociedades estagnadas foi sutilmente descrito por Claude-Levy Strauss em sua esfinge memorialística *Tristes Tropiques* (1955).

Uma das observações pungentes feitas pelo autor, resgatando sua experiência brasileira, focaliza o desprezo que as elites verde-amarelas devotam às tradições arquitetônicas.

A destruição da memória urbana traduzia atitude de desprezo ostensivo pelos edifícios públicos mal conservados, justificando tal intervenção demolidora com o argumento de que favoreciam a modernidade.

Tristes trópicos!

Autóctones eruditos

O campo de estudos da Folkcomunicação também possui raízes fincadas na Missão Mário de Andrade. Interessado em desvendar a interação popular-erudito na cultura brasileira o intelectual paulista percorreu, em 1938, os estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará, recolhendo mais de 30 horas de música gravada, cerca de 600 fotografias, 15 filmes curtos, e inúmeros objetos musicais.

Luiz Beltrão evidencia tal hipótese ao destacar a influência motivadora que teve o arquiteto Luis Saya, integrante do mutirão andradeano, na sua decisão de estudar os ex-votos como veiculadores de “notícias” dos pagadores de promessas.

Esse enraizamento cognitivo também pode ser identificado nas pesquisas sobre folclore ou cultura popular realizadas pela primeira geração uspiana de cientistas sociais que teve sua atenção despertada pelos mestres estrangeiros que o poder público paulista recrutou para implantar a USP. (Marques de Melo, 2015); Destacaram-se, nesse âmbito, além do já citado Levy-Strauss, o francês Roger Bastide, o alemão Emilio Willems e o norte-americano Donald Pierson e seus alunos, fora de série, Anonio Candido, Egon Schaden e Florestan Fernandes.

Talvez o caso mais significativo tenha sido o de Florestan Fernandes, por se tratar de um jovem oriundo das classes subalternas. Motivado pelo desconhecimento do folclore paulista na academia, Florestan iniciou seu trabalho de campo, em 1941, recolhendo dados sobre o folclore infantil na mudança social da cidade de São Paulo. Mais tarde, ele apontaria suas armas cognitivas para combater aqueles “folcloristas de gabinete” que pretendiam interditar a cultura popular, evitando seu contato com os agentes ancorados na universidade ou no aparato estatal, proclamando-se guardiães da “pureza folclórica”. (Fernandes, 1978)

Mas ainda pode ser identificado no rico acervo que Alceu Maynard Araújo recolheu, editou e exibiu, com o título de "Folclore na TV", por cerca de quatro anos (1950 a 1954) na recém inaugurada TV Tupi. Segundo levantamento feito pelo Prof. Antonio de Andrade (UMESP), era um “programa sobre o folclore nacional inserido na grade de programação de uma emissora de TV desde os primeiros dias de funcionamento”. Essa fortuna cognitiva serviu como fonte de referência para a edição posterior para a produção de uma aquarela abrangente da *Cultura Popular Brasileira* (São Paulo, Melhoramentos, 1973) financiada pelo Instituto Nacional do Livro.

Institucionalização

Entretanto, o campo folkcomunicação só conquistou reconhecimento acadêmico com as pesquisas sobre a função *jornalística* dos *ex-votos* brasileiros realizadas por Luiz Beltrão (1965) e sobre a inserção dos *retablitos* mexicanos nas *frentes culturais* concebidas por Jorge González (1980, 1986).

Institucionalizando-se como disciplina acadêmica, no âmbito científico da comunicação, em consequência da ação aglutinadora desenvolvida por Luiz Beltrão, a Folkcomunicação reuniu, meio século depois, mais de uma centena de pesquisadores procedentes de várias comunidades da Europa Ibérica (Espanha, Galícia, Portugal) e da América Latina (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela) para fazer um balanço de meio século de pesquisas na área.

O fórum mundial de São Paulo focalizou o paradigma beltraniano, cujas raízes (Beltrão, 1960; 1964; 1965) estão plantadas em território nordestino, mas cujas matrizes (Beltrão, 1967; 1971; 1972; 1977; 1980) germinaram no planalto central, evidenciando avanços teóricos, que reafirmam a identidade acadêmica **latino-americana** do campo folkcomunicação (Benjamin, 1998).

O evento projetou naturalmente as singularidades **brasileiras** reivindicadas pelos folcloristas históricos como Renato Almeida (1957; 1969), Rossini Tavares de Lima (1978), Manuel Diégues Junior (1969), Alceu Maynard de Araújo (1973), Vicente Salles (1969) e Edison Carneiro (1936, 1950, 1974). Problematizadas nas conotações metodológicas de Florestan Fernandes (1978, 1979) ou Maria Isaura Pereira de Queiroz (1969, 1973) e nos argumentos gnosiológicos disseminados por Vale & Queiroz (1979) e Renato Ortiz (1992), tais matrizes foram criticamente assimiladas nos registros empíricos sobre as estratégias de conhecimento de fenômenos típicos da cultura popular brasileira como o carnaval (Eco, Ivanov e Rector, 1984) e o natal (Marques de Melo & Kunsch, 1998).

Leitura crítica

Iniciativa da Cátedra UNESCO e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, em parceria com a Rede de Pesquisa em Folkcomunicação – FOLKCOM - e o patrocínio da Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM - o segundo fórum mundial de Folkcomunicação foi realizado no Centro Cultural Marques de Melo, nos dias 27, 28 e 29 de março, na cidade de São Paulo, para debater o avanço da pesquisa na área.

A efeméride mereceu ainda o apoio estratégico da SOCICOM – federação brasileira - e da CONFIBERCOM – confederação ibero-americana de ciências da comunicação, bem como das 3 organizações internacionais legitimadas pela comunidade nacional/regional: ALAIC, AssIBERCOM e LUSOCOM.

Tal evento, como previamente referido, faz parte do programa trienal organizado pela Rede Folkcom para comemorar os 50 anos de fundação da disciplina acadêmica vislumbrada pelo jornalista brasileiro Luiz Beltrão (1918-1986) no espaço ibero-americano.

Não é fora de propósito, reiterar esse itinerário de ampliação do universo folkcomunicacional vem ocorrendo virtualmente, desde que a UEPG abrigou a *Revista Internacional de Folkcomunicação*, sob a direção de Karina Woitowicz.

Retrospecto

Ao lançar o primeiro periódico científico de comunicação no Brasil, publicado pelo Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), então vinculado à Universidade Católica de Pernambuco, Luiz Beltrão deslanchava, talvez sem ter consciência disso, um novo campo de estudos, posteriormente denominado Folkcomunicação.

Circulando na cidade do Recife, em março de 1965, a revista *Comunicações & Problemas*, incluiu o artigo “O Ex-Voto como Veículo Jornalístico”, de autoria do seu editor, Luiz Beltrão, que repercutiu amplamente na comunidade acadêmica.

Estimulado por manifestações enfáticas recebidas de intelectuais da estatura do etnógrafo Luis da Câmara Cascudo e do semiólogo Umberto Eco, o pesquisador pernambucano prosseguiu seu trabalho de campo, buscando evidências empíricas para respaldar teoricamente sua hipótese de pesquisa. Ancorado na “dinâmica do folclore” de Edison Carneiro, variante gramsciana da “cultura das classes subalternas” que permitia uma “leitura crítica” do paradigma lazarsfeldiano – “two-step-flow-of-communication”- Luiz Beltrão apresentou em 1967 sua tese de doutorado à Universidade de Brasília, intitulada

“Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”.

Paradoxos

A disseminação do conhecimento novo provocou reações inesperadas na comunidade acadêmica. Tanto assim que o livro *Comunicação e Folclore* (São Paulo, Melhoramentos, 1971) publicou somente o estudo empírico. A reflexão teórica só apareceria no final da década, quando Luiz Beltrão divulga as novas pesquisas de campo realizadas na periferia de Brasília, particularmente em comunidades marginais habitadas por *candangos* (trabalhadores da construção civil procedentes de várias regiões brasileiras que perderam seus empregos logo após a construção dos edifícios administrativos do “plano piloto” concebido pelo arquiteto Oscar Niemeyer).

Tais estudos de campo foram reunidos no livro *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (São Paulo, Cortez, 1980), onde Luiz Beltrão demonstra sensibilidade interpretativa, restabelecendo o quadro histórico da obra seminal e aprofundando a análise das relações entre comunicação e civilização. Ele incorpora em certo sentido o referencial ancorado na “teoria das brechas”, uma das matrizes fundantes do Pensamento Comunicacional Latino-americano. (Marques de Melo, 2007, 2014)

O paradigma folkcomunicacional mostra-se com nitidez na memória dos congressos brasileiros de ciências da comunicação de 1979 (classes subalternas), 1980 (populismo) e 1981 (contra-informação).

Perplexidades

Isso não impediu o aparecimento de obstáculos que dificultaram a expansão da disciplina. Eles se ancoravam em dois tipos de argumentos:

1) Precariedade da cultura popular, identificada com o referencial simbólico dos pobres e dos iletrados. Supunha-se que os fenômenos nutridos pelo sub-desenvolvimento logo desapareceriam, no processo de expansão da modernidade capitalista, cuja indústria cultural se tornaria hegemônica, assimilando inexoravelmente aqueles bolsões tradicionais;

2) Declínio das fronteiras nacionais/regionais. Eliminadas automaticamente pela sociedade digital, ficariam obsoletas ou anacrônicas as formações culturais geradas na periferia mundial.

Tais previsões não se confirmaram; ao contrário, o subdesenvolvimento tornou-se mais cruel, acentuando a exclusão cognitiva. Por sua vez, as geofronteiras foram recicladas, favorecendo o intercâmbio norte-sul, além de converter as relações acadêmicas em registros unilaterais ensurdecidos, tamanha a fonte de ruídos cultivada.

Aldeia global

Duvidando das expectativas pessimistas alardeadas pelos acadêmicos situados na contra-mão do projeto beltraniano de observação folkcomunicacional, Marques de Melo (2005) já havia notado uma tendência expansionista gerada pela internet nesse campo de estudos. Na conferência inaugural do fórum 2015 ele disse que voltara a mensurar os indicadores que serviram de referência para aquele diagnóstico, ficando impressionado com a progressão quantificada no decênio 2005-2015.

Rastreando no *Google* a palavra-chave **Folkcomunicação**, tornaram-se evidentes avanços cognitivos da seguinte natureza: o **campo** folkcomunicacional teve um crescimento expressivo, da ordem de 2,5/ano, saltando de 1.118 referências (2005) para 28.300 (2015). Tamanha expansão do *campo social* (como preferem rotular os discípulos de Bourdieu), multiplicada por 25 no decênio, abriu caminho para o desenvolvimento do estudo acadêmico dos fenômenos nele constituídos, o que elevou 6 vezes o patamar ocupado pela **disciplina** no espaço universitário, contemplada com 823 referências em 2005, que foram elasticadas para 4.820 em 2015.

Mas, sem sombra de dúvida, o maior beneficiário desse expansionismo folkcomunicacional nas redes de informação digitalizada foi o criador da disciplina – Luiz Beltrão. Sua projeção mundial denota grandeza vertiginosa, da ordem de 1.745 vezes neste decênio. Em 2005 ele obteve 295 referências na internet, cifra que em 2015 alcançou o patamar de 515.000 referências, conotando verdadeira **consagração** acadêmica.

Trata-se de reconhecimento que transborda o espaço folkcomunicacional, uma vez que o pioneirismo de Luiz Beltrão tem vigência notável em outras disciplinas – jornalismo, literatura, pedagogia e teoria da comunicação – circunstância que explica sua crescente

projeção no espaço digital, sendo o hoje o intelectual brasileiro mais referenciado na internet, no âmbito das ciências da comunicação.

Se comparado aos parceiros da sua geração, Luiz Beltrão figura como detentor de espaço 5.35 maior que aquele ocupado por Decio Pignatari, 5.85 superior a Carlos Rizzini e 16.70 à frente de Danton Jobim.

Ele também lidera a vanguarda representada pela atual geração - 1.75 mais que Muniz Sodré; 15.27 que Antonio Holfeldt e 16.70 mais que Sergio Caparelli.

No campo folkcomunicação ele naturalmente desfruta lugar privilegiado: 1.55 à frente de Benjamin; 3.93 adiante de Luyten; e 13.95 léguas distante de Trigueiro.

Não mudaram significativamente as preferências da moçada que busca temas folkcomunicacionais na internet, comparando os dados de 2005 e os de 2015.

As temáticas mais cultivadas são aquelas que integram o universo dos formatos contemporâneos – tatuagem, funk carioca, rap paulista, forró nordestino, rodeios – colocando em plano secundário os gêneros tradicionais – canto de trabalho, lenda ou literatura de cordel.

Tipologia

Isso conduz à hipótese de que os tipos folkcomunicacionais hegemônicos refletem os traços da nossa “moderna tradição” (Ortiz, 1988), determinantes da nova fisionomia da sociedade brasileira, hoje mais influenciada pelas correntes culturais *made in USA*.

Os pesquisadores de Folkcomunicação, reunidos em São Paulo, constataram a existência de melhores condições para a atualização dinâmica desta disciplina, como aliás ficou implícito na *metamorfose* cartografada por Marques de Melo & Fernandes (2014), embora não se tenha generalizado a consciência de que a rede mundial de computadores vem ampliando o acervo cognitivo dos grupos marginalizados e tem expandindo a bagagem cultural dos contingentes excluídos.

Tais questões foram analisadas exaustivamente pelos jovens que participaram dos painéis temáticos. Da mesma forma, os pesquisadores sênior cujas experiências foram debatidas, na oficina metodológica de encerramento, já se comprometeram a remeter textos

explicativos. Eles figurarão na memória do encontro, conforme anunciou a professora Maria Érica, presidente da Rede Folkcom, na última sessão do fórum 2015.

Enaltecida e estimulada pelos dirigentes da ALAIC, LUSOCOM e CONFIBERCOM a disciplina de Folkcomunicação conquistou a credibilidade necessária para consolidar sua presença no cenário mundial das ciências da comunicação.

Foi particularmente significativa a proclamação feita por Francisco Sierra, atual diretor do CIESPAL, reconhecendo a singularidade das contribuições verde-amarelas ao Pensamento Comunicacional Latino-americano. Comprometendo-se a “falar português” em Quito, ele está valorizando não só o “jeito brasileiro de falar”, mas principalmente o “modo brasileiro de produzir (pesquisa), reproduzir (ensino) e popularizar (extensão) o conhecimento comunicacional. Trata-se de um intelectual do sul da Europa inserido no contexto do sul da América, consciente da responsabilidade de falar **com** os brasileiros e não falar **para** os brasileiros.

Vale a pena repetir aqui aquele ensinamento basilar da **comunicação dialógica** de Paulo Freire: “o bom educador é aquele que primeiro se reeduca com seus educandos para poder educá-los efetivamente, sem frustrar suas expectativas, mas identificado com as suas aspirações”.

Procedendo desta maneira, o CIESPAL pode vir a orgulhar-se da sua identidade latino-americana, falando com os seus interlocutores de acordo com o universo cognitivo legado por Jorge Fernandez, Luiz Beltrão, Mário Kaplun, Hector Mujica, Octavio de la Suarée e tantos outros, ofuscados pelo “complexo do colonizado” que atemoriza nossas vanguardas intelectuais.

Bibliografia

Almeida, Renato

1957 – *A inteligência do folclore*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal

1969 – Variações em torno da música folclórica brasileira, *Revista de Cultura Vozes*, ano 63, n. 10, p. 911-918

Andrade, Mário de

1938 – *Missão Folclórica*, São Paulo, Secr et ária Cultura

Araújo, Alceu Maynard de

1973 – *Cultura Popular Brasileira*, São Paulo, Melhoramentos

Beltrão, Luiz

1960 – *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, Rio de Janeiro, Agir

1964 – *Técnica de Jornalismo*, Recife, ICINFORM

1965 – O ex-voto como veículo jornalístico, *Comunicações & Problemas*, v. 1, n. 1, Recife, p. 43-52

1967 – *Folkcomunicação* (tese de doutorado), Brasília, UnB

1972 – *Sociedade de massa*, Petrópolis, Vozes

1977 – *Teoria Geral da Comunicação*, Brasília, Thesaurus

1980 – *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados*, São Paulo, Cortez

Benjamim, Roberto Emerson

1998 – Folkcomunicação: contribuição brasileira a escola latino-americana de comunicação, *Anuário Unesco Mesp de comunicação regional 2*, São Bernardo do Campo, Umesp, p. 133 – 138

Cardoso, Fernando Henrique

1992 – *Communication for a New World*, São Paulo, INTERCOM

Carneiro, Edson

1936 – *A sabedoria popular*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira

1950 – *Antologia do negro brasileiro*, Porto Alegre, Editora Globo

1974 – *Folguedos tradicionais*, Rio de Janeiro, Editora Conquista

Castro, Daniel & Marques de Melo, José

2010 - *Panorama da Comunicação e das telecomunicações no Brasil 2010 v 2 - Associações acadêmicas*

2011 - Dalmonte, Edison

2009 - *Gilberto Freyre: cátedra e palanque*, Salvador,. EdUFBA

Panorama da Comunicação e das telecomunicações no Brasil 2010 v. 3 – Flagrantes, 2012

Diegues Junior, Manuel

1969 – Sugestões para estudo regional do folclore brasileiro, *Revista de Cultura Vozes*, ano 63, n.10, Petrópolis, Vozes, p.903 - 918

Downing, John

- 2010 – *Mídia Radical*, São Paulo, SENAC
- Eco, Humberto; Ivanov, VV; Rector, Monica
- 1998 – *Carnaval*, México, Fondo de cultura economica
- Fernandes, Florestan
- 1978 – *O folclore em questão*, São Paulo, UCITEC
- 1979 – *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*, Petrópolis, Vozes
- Freyre, Gilberto
- 1963 – *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, Recife, Imprensa Universitária
- Freire, Paulo
- 1965 – *Educação como prática da liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra
- Gonzalez, Jorge
- 1980 – *Dominación Cultural*. Mexico, Centro de Estudios Ecuménicos
- 1986 – *Cultura(s)*, Colima, Universidad de Colima
- Lerner, Daniel
- 1976 – *Silent Revoluttion*, mim.
- Levy-Strauss, Claude
- 1955 – *Tristes Tropiques*, Paris, PUF
- Lima, Rossini Tavares de
- 2003 – *A ciência do folclore*, São Paulo, Martins Fontes
- Marques de melo, José
- 1979 – *Sistema de comunicação no Brasil, Ideologia e poder no ensino de comunicação*, São Paulo, Cortez, p.211 – 239
- 2007 – *História do Pensamento Comunicacional*, São Paulo, Paulus
- 2008 – *Mídia e cultura popular*, São Paulo, Paulus
- 2014 – *Teoria e metodologia da comunicação: tendências do século XXI*, São Paulo, Paulus
- Marques de Melo & Kunsch, W.
- 1998 – *De Belém a Bagé: imagens midiáticas do Natal Brasileiro*, S. B. do Campo, UMESP
- Marques de Melo, José e Fernandes, Guilherme
- 2014 – *Metamorfose da Folkcomunicação*, São Paulo, Editae
- McLuhan, Marshall

1951 – *The Mechanical Bride* , Boston, Beacon Press

Queiroz, Maria Isaura Pereira de

1973 – *O campesinato brasileiro, ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*,

Petrópolis, Vozes

Riesman, David

1970 - *A multidão solitária*, São Paulo, Perspectiva

Salles, Vicente

1969 – Questionamento teórico do folclore, *Revista de Cultura Vozes*, ano 63, n.10,

Petrópolis, Vozes, p.878 - 888

Vale, Edenio e Queiroz, José J.

1979 – *A cultura do povo*, São Paulo, Educ

Ortiz, Renato

1988 - *A moderna tradição brasileira*, São Paulo, Editora brasiliense

1992 – *Cultura popular, românticos e folcloristas*, São Paulo, Olho D'água